

INDICADORES DE DESEMPENHO DO MERCADO DE COMPÓSITOS

2022

Presidente

Erika Bernardino Aprá

1º Vice-Presidente

Rodrigo Braga

2º Vice-Presidente

Samir Quintiliano

Gestão

2022-2024

INTRODUÇÃO

Indicadores de desempenho setoriais proporcionam maior assertividade na visualização de tendências e na criação de cenários. Também fortalecem a representatividade e a credibilidade das indústrias perante os órgãos governamentais e os mercados globais.

Dados consistentes e conhecimento de mercado são fundamentais para o planejamento e gestão dos negócios.

Sendo assim, a Associação Latino-Americana de Materiais Compósitos (ALMACO) apresenta neste relatório os Indicadores de Desempenho do Mercado de Compósitos.

A partir de pesquisas e entrevistas feitas com integrantes de toda a cadeia produtiva do material, a ALMACO consolidou os dados referentes ao primeiro semestre de 2022 e as projeções do setor para o ano.

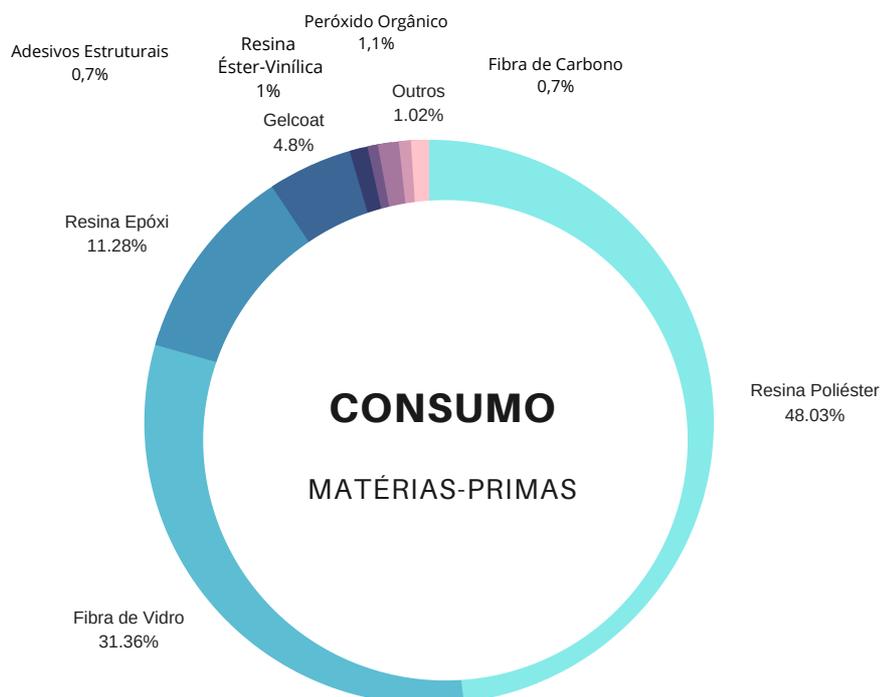
Boa leitura e, principalmente, bons negócios envolvendo os compósitos!

PESQUISA

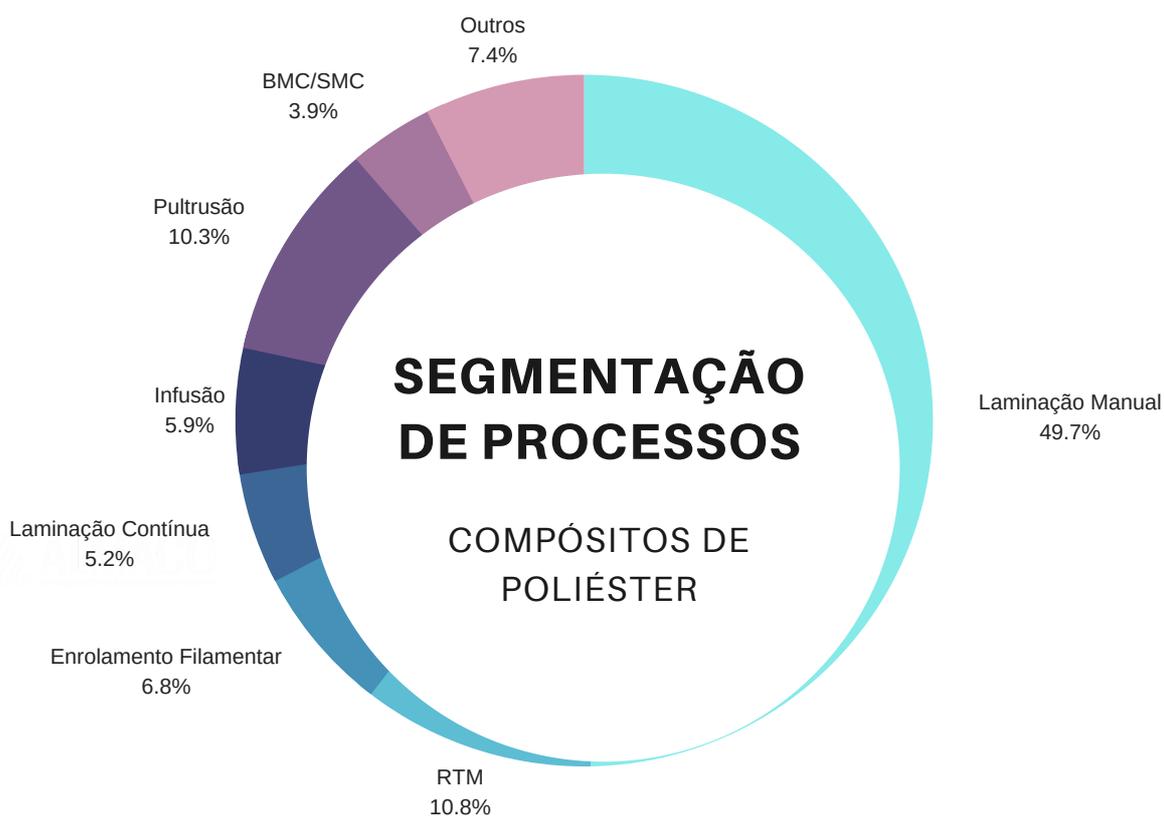
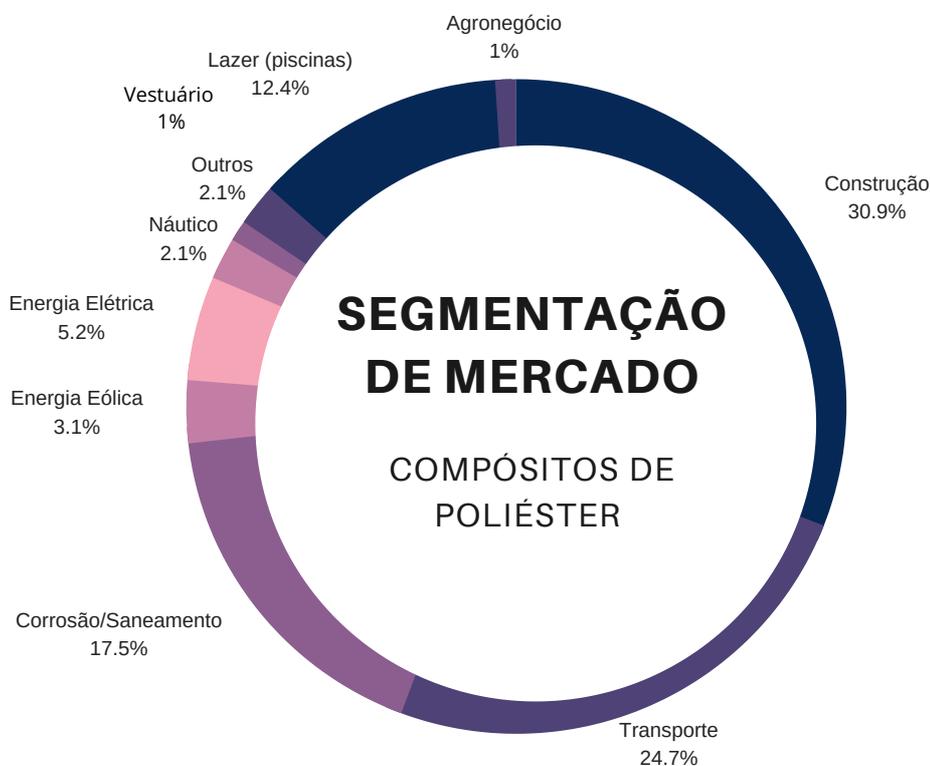
INDICADORES/ANO	2021	1S 2022	1S 2022 / 1S 2021	2022*	2021/2022*
VALOR DA PRODUÇÃO (MILHÕES/R\$)	3.960	1.853	17%	4.752	20%
CONSUMO DE MATÉRIAS-PRIMAS (MIL TONELADAS)	245	117	-4,2%	239	-2,5%
EMPREGOS	67,9	66	-2,8%	67	-1,3%
NÍVEL OPERACIONAL (%)	71,0	68,0	-4,23	69,0	-2,8%

(*) ESTIMATIVA

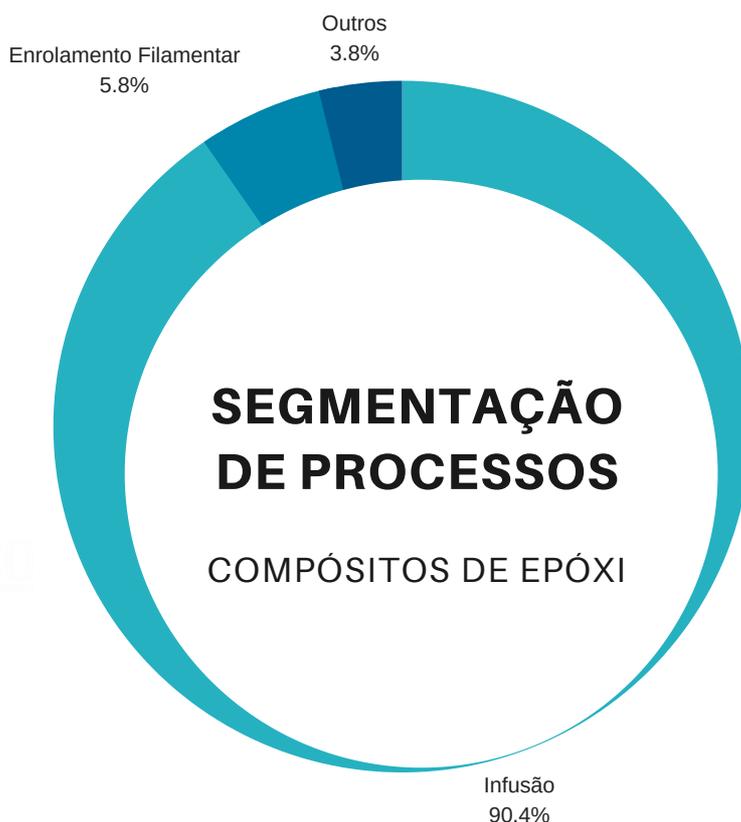
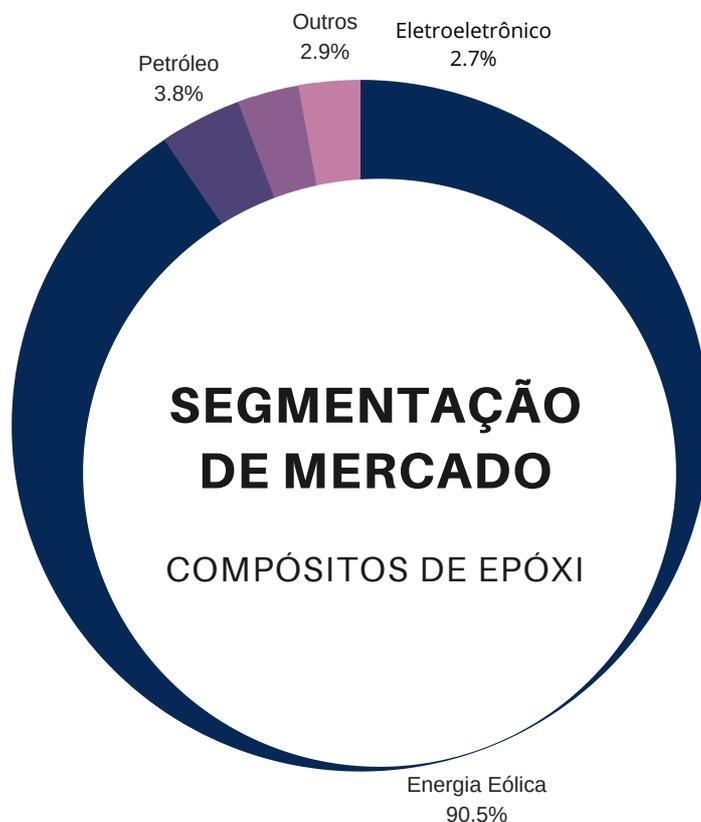
MATÉRIA-PRIMA	VOLUME (KTON) 1S2022
RESINA POLIÉSTER	56,2
FIBRA DE VIDRO	36,7
RESINA EPÓXI	13,2
GELCOAT	5,6
RESINA ÉSTER-VINÍLICA	1,2
PERÓXIDO ORGÂNICO	1,4
ADESIVOS ESTRUTURAIS	0,7
FIBRAS DE CARBONO	0,8
OUTROS	1,2
TOTAL	117



PESQUISA



PESQUISA



CONSTRUÇÃO

Apesar das recentes revisões do PIB da construção civil – de 2,5% para 3,5% – motivadas principalmente pelo programa habitacional Casa Verde e Amarela, esse otimismo ainda não deu as caras no setor de compósitos.

Ao contrário, a queda de 4,2% do volume total produzido no primeiro semestre frente a igual período de 2021 passa em grande parte pela diminuição da demanda oriunda do mercado de construção, líder do consumo brasileiro de compósitos.

Quanto aos porquês desse descompasso, destaque para a combinação entre menos dinheiro circulando entre as classes C e D e o crescimento da inflação. Com menor poder de compra, o público que puxa as vendas de mármore sintético e caixas d'água, ícones dos compósitos na construção, praticamente desapareceu dos home centers. A tal ponto que grandes fabricantes de pias e lavatórios viram sua produção encolher cerca de 50% entre janeiro e junho.

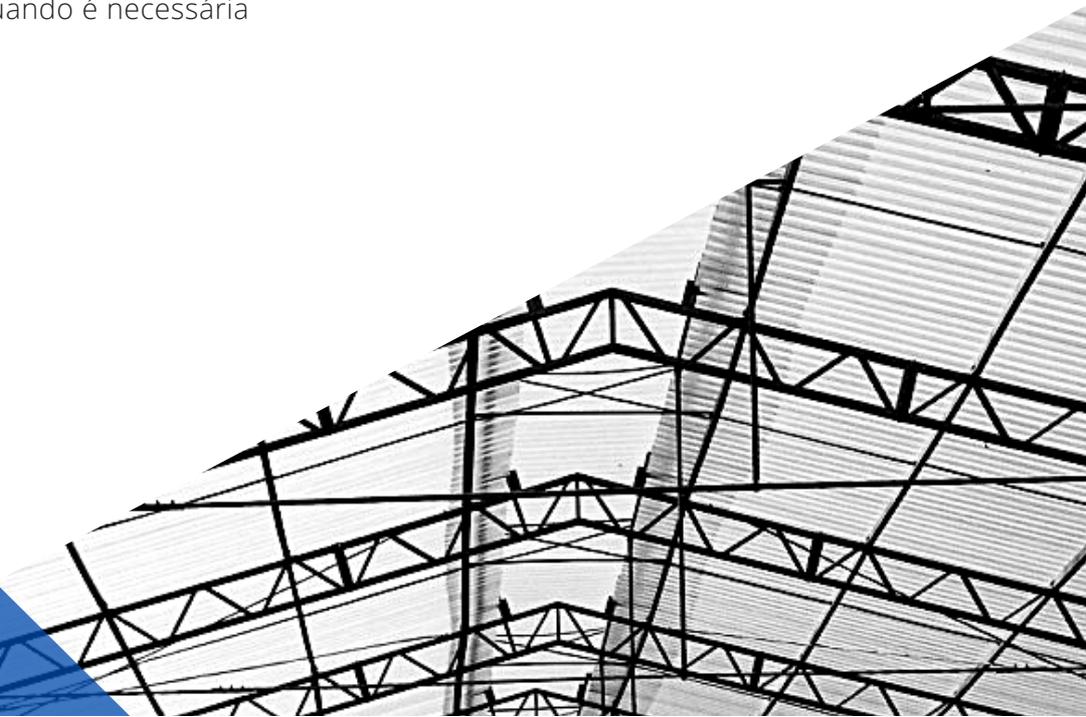
Contudo, há exceções. A fabricação de telhas para galpões industriais e logísticos segue de vento em popa, sobretudo quando é necessária maior resistência à corrosão.

O viés positivo também aparece quando o assunto é vergalhão de compósitos, aplicação ainda incipiente no Brasil, mas que tem tudo para bombar nos próximos anos.

Vale a pena ressaltar, daí levando em consideração praticamente todos os segmentos de mercado, que as comparações com 2020 e 2021 serão sempre afetadas pelas incríveis oscilações causadas pela pandemia.

De mercados parados no início da crise sanitária a explosões de consumo meses depois, quase nenhuma atividade passou ilesa. Um exemplo? O “fica em casa” catapultou o número de reformas e, em decorrência, a venda de materiais de construção. Hoje, com as pessoas de volta às ruas, o dinheiro, que está mais curto, precisa ser dividido com outros gastos. Daí, as reformas vão ficando para depois.

Para 2022 como um todo, apoiado em um segundo semestre historicamente melhor do que o primeiro, o setor de compósitos espera que o consumo proveniente da indústria da construção empate com o resultado de 2021.



LAZER/PISCINA

Não há bem que sempre dure, comprova o resultado deste primeiro semestre do mercado de piscinas. Estima-se uma retração ao redor de 10% nas vendas frente ao mesmo período do ano passado, uma época, aliás, que já dava sinais de que a festa iniciada em 2020 estava acabando.

Com a eclosão da pandemia, muitas pessoas decidiram investir na aquisição de uma piscina e, com ela, em horas de lazer mais reservado. Ocorre que a mesma família não compra diferentes piscinas todos os meses. Em paralelo, com os gigantescos aumentos nos preços das resinas e fibras de vidro nos últimos dois anos, o produto ficou mais caro – e, com a inflação, o consumidor ficou mais pobre.

Um dos vários dados que ratificam essa análise é o crescimento da produção de gelcoat branco, tradicionalmente usado em piscinas com preços mais salgados, em detrimento do azul para a mesma aplicação. Ou seja, a classe média baixa, cliente dos modelos tradicionais – azuis e com tamanho de 2,5 m x 5 m – tem dado espaço ao público que tem mais dinheiro, mas é bem menor em tamanho. Outro fator que ajudou a diminuir o ritmo das vendas foi o inverno mais rigoroso registrado neste ano.

De qualquer forma, a fabricação de piscinas respondeu por 12,4% do consumo de resina poliéster no primeiro semestre. O país hoje conta com quase 4 milhões de piscinas instaladas – é o segundo no ranking mundial – e essa indústria movimentou, em 2021, R\$ 12 bilhões, de acordo com a Associação Nacional das Empresas e Profissionais de Piscinas (ANAPP).



TRANSPORTE

Iniciada em 2021, a recuperação da indústria de ônibus segue em quinta marcha, notícia mais do que alvissareira para a cadeia produtiva de compósitos – o material dá forma a tetos, painéis e máscaras frontais, entre outras peças. No primeiro semestre, a produção totalizou 8.152 unidades, número 31% acima do anotado em igual período do ano passado – o mercado interno respondeu por 6.599 unidades.

Depois do pesadelo vivido em 2020 e parte de 2021, os modelos rodoviários foram o que mais cresceram com a retomada do turismo: 72% no primeiro semestre deste ano. Pesaram a favor também a migração do público do setor aéreo para as rodoviárias, assustado com os preços atuais das passagens, e as subidas nos preços dos combustíveis, que levaram mais proprietários de carros de passeio a optarem pelas viagens intermunicipais de ônibus.

Já os modelos urbanos tiveram as suas vendas impactadas positivamente pelos subsídios de mais de cem prefeituras, que ajudaram empresas em situação pré-falimentar a fazer a renovação das frotas prevista em contratos.

Destaque à antecipação das compras por causa da entrada em vigor, em janeiro de 2023, do padrão de emissão Euro 6 (os ônibus adequados à nova norma são mais caros). E o giro só não foi melhor – e isso se aplica também aos modelos rodoviários – devido à falta de semicondutores e chassis.

Ligado umbilicalmente ao transporte escolar, o setor de micro-ônibus também está se recuperando, depois de dois anos parado. Apenas para o programa governamental Caminho da Escola devem ser licitadas 10 mil unidades em 2022. Assim, estima-se que o mercado de ônibus cresça 31%, totalizando algo próximo a 21 mil unidades.

A falta de componentes também tem afetado as montadoras de caminhões, a despeito do setor agrícola aquecido. Tanto é assim que o resultado do primeiro semestre caiu cerca de 1% na comparação com igual período do ano passado. No entanto, diferente dos ônibus, as vendas de caminhões vinham de um resplandecente salto de 43% no giro de 2021.

Frente a essa irritante instabilidade no fornecimento de componentes, o setor de caminhões reviu suas projeções: de 7,3% de crescimento para um modesto empate com o volume emplacado no ano passado.



CORROSÃO/SANEAMENTO

As acentuadas elevações nos preços das fibras de vidro e das resinas, sobretudo as éster-vinílicas, engavetaram uma série de projetos de manutenção das indústrias que lidam com produtos químicos. Isso refletiu diretamente no balanço dos fabricantes de tanques e tubos de compósitos.

Em paralelo, graças ao atraso de cerca de cinco meses na partida de um grande projeto do mercado de papel e celulose, os volumes esperados para o primeiro semestre não aconteceram. Resultado: queda ao redor de 20% na comparação com a primeira metade do ano passado.

Até dezembro, com a entrada em cena desse projeto da indústria de papel e celulose, a situação melhora, ajudada também pela demanda em alta de tubos para o transporte de vinhaça. Mesmo assim, o consumo de compósitos no segmento da corrosão deve ser 8-10% inferior em 2022.

Em relação ao saneamento básico, dois anos após a aprovação do Marco Legal do Saneamento começam a ser notados os reflexos do destravamento de novas PPPs (parcerias público-privadas). Em 2022, 57 PPPs estão entra as etapas de consulta pública iniciada e licitação encerrada.

Sendo assim, ainda que a demanda por compósitos advinda do mercado de saneamento esteja no momento muito mais concentrada em obras particulares – estações de tratamento instaladas em empresas, condomínios e shoppings –, a expectativa para os próximos anos é de excelentes notícias relacionadas à captação de água e tratamento de esgoto.



ENERGIA

A fabricação de postes e cruzetas de compósitos seguiu em ritmo acelerado durante o primeiro semestre de 2022, velocidade que poderia ser ainda maior não fossem as constantes subidas nos preços das matérias-primas, que acabaram, em determinados contratos, inviabilizando o uso do material.

Nessa aplicação, os compósitos padecem de um preço sempre maior que o concreto e a madeira. No entanto, sua relação custo-benefício é infinitamente superior, mas não são todas as concessionárias de serviços de energia, por exemplo, que conseguem compreender o decantado conceito de valor agregado.

De janeiro a junho, estima-se que foram produzidos 100 mil postes, número que pode chegar a 150 mil na segunda metade do ano. As redes de distribuição de energia (média tensão) lideraram o consumo, com uma fatia de 75%, à frente de subestações (10%), entrada de energia (5%), iluminação pública e privada (5%), telecomunicação (2%) e outros (3%).

Em relação à energia eólica, o país foi surpreendido com a notícia, em julho, de que a GE interromperá o fornecimento de aerogeradores no Brasil – os projetos já contratados serão cumpridos. Mesmo assim, a decisão soou um alerta geral na cadeia produtiva de pás e demais componentes, como nacelles e spinners.

A LM Wind Power, a única que utiliza resina poliéster na fabricação de pás – as demais são de epóxi –, reduziu sua demanda em cerca de 20% no primeiro semestre, devido a problemas no acesso às fibras de vidro e à parada para troca de moldes. Até dezembro, porém, a expectativa é de que a empresa volte ao seu ritmo normal.

No primeiro semestre, foram instalados 395 aerogeradores, número 27% inferior ao realizado de jan./jun. de 2021. Para o ano, o setor projeta a entrada em operação de 551 aerogeradores e 73 parques, o que significará, respectivamente, uma queda de 43% e 34% em 2022.

Mesmo assim, durante o primeiro semestre houve um aumento de 12% na demanda por compósitos oriunda da indústria de geração de energia eólica, sendo uma fatia importante desse salto creditada à exportação. Hoje, o Brasil conta com 812 parques eólicos ativos e mais de 9.200 aerogeradores em operação, que garantem uma capacidade instalada de 22 GW.

Esses números tendem a saltar no futuro próximo, com a publicação de um decreto governamental que esclarece os mecanismos de cessão de uso em águas da União. Inclusive, a Associação Latino-Americana de Materiais Compósitos (ALMACO) e a Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica) firmaram, em julho, um acordo para potencializar o crescimento da energia eólica no Brasil.



AGRONEGÓCIO

Não por acaso o Brasil é conhecido no exterior como “Fazendão”. O agronegócio, motor da economia local – responde por cerca de 1/3 do PIB –, registrou alta de 29,4% no valor exportado no primeiro semestre, totalizando US\$ 79,3 bilhões. Em volume, alta mais modesta de 1,3%.

Vale a pena lembrar que a fase vivida pelo agronegócio do campo é tão esplendorosa que, das dez empresas do segmento de açúcar e álcool e agricultura com capital aberto na bolsa, quatro delas fizeram o IPO somente em 2021.

Assim, para lá de capitalizado, o campo segue impulsionando a venda de implementos agrícolas e, com isso, a demanda por capôs, laterais e tetos de tratores e colheitadeiras, entre outros. Até abril, por exemplo, o giro dos fabricantes de máquinas agrícolas havia registrado alta de 36% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Note-se: ainda há muitas aplicações de compósitos inexploradas nesse setor no Brasil, a exemplo de soluções para o armazenamento de insumos.



VESTUÁRIO

A China e seu tardio lockdown foram música para os ouvidos dos fabricantes brasileiros de botões, que anotaram um aumento das vendas ao redor de 35% ao longo do primeiro semestre.

O ritmo deve permanecer aquecido durante a segunda metade do ano, período tradicionalmente animado com a proximidade do verão, estação em que se vende mais roupas.

Contudo, nem só de boas notícias tem vivido esse segmento, martirizado pela pandemia como poucos. A menor circulação de pessoas avermelhou o balanço da indústria de vestuário e, com isso, vários fabricantes brasileiros de botões fecharam as portas ou entraram em recuperação judicial.



NÁUTICO

A partir de maio, os estaleiros começaram a sentir certa acomodação da demanda, depois da explosão do consumo durante a pandemia, que resultou em inéditas – e longas – filas de espera para quem tinha interesse em desfrutar de uma lancha cheirando a nova.

O cenário atual também foi vitaminado pela pressão inflacionária, que leva o potencial comprador a rever a compra do barco e proteger seu dinheiro em aplicações que lhe rendem acima da inflação.

Em paralelo, as subidas de preços dos insumos, daí levando em conta não só resinas e fibras de vidro, mas as matérias-primas de forma geral, reduziram o ímpeto de parte do público que compra barcos – a parte menos abonada, diga-se.



ARGENTINA



De janeiro a junho, a Argentina registrou uma elevação ao redor de 3% no consumo de compósitos, e essa subida se deu em grande parte graças à demanda oriunda do setor público (saneamento), da infraestrutura para telefonia (postes) e do transporte (ônibus).

Para o ano como um todo, a expectativa é de um crescimento de 5% na comparação com 2021, muito porque os hábitos iniciados na pandemia ainda permanecem ativos na sociedade argentina – leia-se reformas residenciais e lazer. Também é esperada a liberação de verbas governamentais para obras de saneamento.

As questões macroeconômicas, como a desvalorização da moeda local e a alta da inflação, mantêm ativa a demanda por produtos – bens duráveis – que representam a conservação do valor do dinheiro, e isso pode impactar de forma positiva a cadeia produtiva de materiais compósitos.

CHILE



Em maio, o Chile reviu para baixo a sua estimativa de crescimento do PIB de 2022, passando de 3,5% para 1,5%. A desaceleração se deve à queda da demanda doméstica, na esteira de uma inflação de 8,9% prevista para o período, situação praticamente inédita para os chilenos.

Neste ano, o mercado de compósitos do Chile deve seguir rondando a casa das 30 mil toneladas, número que pode ser alterado caso sobrem recursos governamentais para o investimento em plantas dessalinizadoras de água.

Em relação à produção de cobre – o país é o maior produtor mundial do minério –, resinas mais caras, principalmente as éster-vinílicas, podem postergar projetos de manutenção e ampliação.

COLÔMBIA



Ao longo do primeiro semestre, os setores de infraestrutura e saneamento básico puxaram para cima a demanda por compósitos na Colômbia. A partir da execução orçamentária das vendas já concluídas e da previsão do que poderá ser executado até o final de 2022, estima-se um crescimento do consumo proveniente desses segmentos entre 15 e 20%.

Algumas empresas locais se beneficiaram também da redução da importação de resinas, devido ao aumento dos preços, disparidade cambial entre o dólar e o peso e dificuldades logísticas. Por outro lado – e pelos mesmos motivos, além das turbulências políticas –, outras companhias colombianas viram seus negócios minguarem e, em alguns casos, fecharem as portas.

Em suma, a projeção na Colômbia é de uma queda em volume de compósitos transformados ao redor de 3% em 2022.

ALMACO

Fundada em 1981, a ALMACO tem como missão representar, promover e fortalecer o desenvolvimento sustentável do mercado de compósitos. Com administração central no Brasil e sedes regionais no Chile, Argentina e Colômbia, a ALMACO tem cerca de 400 associados (empresas, entidades e estudantes) e mantém, em conjunto com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), o Centro de Tecnologia em Compósitos (CETECOM), o maior do gênero na América Latina.

Resultantes da combinação entre polímeros e reforços – por exemplo, fibras de vidro –, os compósitos são conhecidos pelos elevados índices de resistência mecânica e química, associados à liberdade de design. Há mais de 70 mil aplicações catalogadas em todo o mundo, de caixas d'água, tubos e pás eólicas a peças de barcos, ônibus, trens e aviões.